

UM NOVO OLHAR SOBRE HEZBOLLAH: O TERRORISMO FRENTE AO REFORMISMO SOCIOECONÔMICO DO PARTIDO E À TEORIA DA SOCIEDADE DE RESISTÊNCIA

Natalia Nahas Carneiro Maia¹

Resumo: Os principais elementos de fortalecimento e popularidade do Hezbollah entre a população libanesa são a participação, pós Guerra-Civil, na política parlamentar (como representante dos xiitas - outrora excluídos) fornecendo serviços socioeconômicos e assistenciais; e, essencialmente, o combate à invasão israelense no sul do Líbano até 2000 e em 2006. Tendo como ponto de partida os estudos críticos do terrorismo, neste artigo verificaremos que não obstante a remanescente militarização do grupo, sua postura política é racional e pragmática, pautada nas demandas socioeconômicas internas da sociedade libanesa, na formação de um governo de unidade nacional, na resistência e na construção da autonomia do Líbano frente às potências atuantes na região. O grupo gerencia uma extensa rede de instituições que fornecem serviços de caráter socioeconômico, hospitalar, educacional, financeiro, habitacional, entre outros. A modalidade de nacionalismo islâmico promovida pelo Hezbollah carrega um caráter anti-sectário, autonomista e reformista, o que possibilita a construção de sua legitimidade e alta popularidade entre determinados setores da sociedade libanesa. As ações políticas, militares, religiosas e as instituições socioeconômicas organizadas em rede devem ser analisadas de maneira entrelaçada e holística, produzindo um conjunto de valores e significados que conferem identidade, senso de pertencimento e empoderamento às populações marginalizadas.

Objetivo: É objetivo deste artigo contribuir para uma análise mais complexa e multifacetada do Hezbollah, segundo a qual a categorização do grupo como terrorista é contraproducente e academicamente limitadora. Propomos no presente trabalho descentrar a análise das produções que levam em conta tão somente o caráter desestabilizador do Hezbollah. A instrumentalização política da categorização do fenômeno como terrorista, deslegitimação do interlocutor e reducionismo do movimento inviabilizam qualquer forma e disposição ao diálogo ao desqualificar o grupo. Ao contrário, analisaremos de forma unificada a participação do Hezbollah no governo nacional libanês, suas organizações sociais, de caridade, educacionais, médicas, seu fornecimento de serviços essenciais e o caráter defensivo de seu ramo militar. É objetivo deste artigo verificar que, fruto da escolha pela adoção do pragmatismo político a partir de 1992, o projeto político do Hezbollah visa promover autonomia regional, libertação e inclusão política e socioeconômica ativa dos xiitas.

¹ Natalia Nahas Carneiro Maia é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, pós-graduanda em Política e Relações Internacionais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e membro integrante do Grupo de Trabalho sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano da FFLCH-LEA USP.

Introdução

Historicamente, a ascensão do terror não estatal associado a uma atividade política consciente – para propaganda mais que por razões reais de desafio ao Estado – data principalmente de um século atrás, presente especialmente em movimentos nacionalistas, como nos casos da Irlanda e da Armênia e do movimento anarquista russo. Após 1945 o chamado ‘terrorismo de baixo’ foi comumente associado com as lutas do terceiro mundo contra o poder colonial, este, que considerado extremamente poderoso para ser confrontado exclusivamente no campo de batalha, foi alvo de ataques que exploravam taticamente sua vulnerabilidade política doméstica. Foram os casos da Frente de Libertação Nacional (FLN) na Argélia, do Exército Republicano Irlandês (IRA) na Irlanda, da Organização Militar Nacional na Terra de Israel (IZL) e do Pátria Basca e Liberdade (ETA) Basco. Foi somente no final dos anos 1960 que os principais incidentes terroristas migraram para o Oriente Médio, como no caso das guerrilhas na Palestina, Irã e Eritreia, que fizeram uso de ataque a civis, sequestro de aviões, de políticos e de cidadãos comuns. É importante observar que estes grupos eram inspirados em uma ideologia secular, frequentemente radical ou autoproclamada Marxista-Leninista (HALLIDAY, 2004). Conforme escreve Martha Crenshaw (2007) a tendência atual do terrorismo suicida e de ataques com bombas teve início no Líbano com o Hezbollah no início dos anos 1980 em meados da Guerra Civil, tendo se espalhado posteriormente para regiões que hospedavam conflitos civis como Sri Lanka, áreas curdas da Turquia e Chechênia. Os ataques palestinos a civis israelenses nos anos 1990 e 2000 ampliaram a visibilidade desta ameaça. A adoção desta tática pela Al-Qaeda forneceu uma dimensão transnacional para o fenômeno, que se espalhou em alcance geográfico e numérico.

A conceitualização e definição do terrorismo permanecem imprecisas, e nem as explicações sobre o conceito nem as recomendações de política estatal antiterror diferenciam de forma suficiente o suicídio terrorista de outros tipos de terrorismo ou ataques insurgentes, ou sequer dão cabo às infinitas variações dentro do próprio fenômeno. É constantemente reiterado no meio acadêmico que lida com o terrorismo o grau de dificuldade da definição do termo e de como este conceito

carece de consenso literário. A ausência de uma fórmula única para explicação das motivações deste fenômeno torna necessário que ele seja estudado caso a caso e que se leve em conta os aspectos plurais que estão na raiz do problema (CRENSHAW, 2007). A abrangência das definições é extremamente variada e complexa. A terminologia 'ataques terroristas suicidas' tem sido utilizada tanto para o assassinato de indivíduos quanto para ataques a alvos militares específicos. À exemplo do Hezbollah, vanguardista desta tática no Líbano dos anos 1980, seus alvos eram as embaixadas norte-americana e israelense, quartéis gerais militares (norte-americanos, franceses e israelenses) e comboios militares israelenses. Ou seja, apesar de serem extremamente letais, estes ataques eram dirigidos exclusivamente contra alvos militares e soldados oficiais. O LTTE (Tigres de Libertação do Tamil Eelam) adaptou a tática do Hezbollah no Sri Lanka como ferramenta precisa para assassinato de oficiais do governo e de rivais políticos. Nenhum destes exemplos teve como principal motivação o dano a civis ou a disseminação do medo e do terror. Da mesma forma que o Hezbollah, o LTTE não buscava aterrorizar a população inimiga, mas atingir o nervo central do Estado (HOPGOOD in GAMBETTA, 2005 apud CRENSHAW, 2007).

A Teoria Crítica e o Terrorismo em Perspectiva Histórico-Estrutural

As explicações correntes para entendimento do terrorismo não dão cabo de uma verdadeira compreensão das motivações, dos objetivos e das estratégias políticas dos grupos que o utilizam. O fanatismo religioso não explica a existência de terroristas suicidas de vertente marxista/leninista como os Tigres do Tamil no Sri Lanka, nem as explicações psicológicas dão conta de compreender o perfil socioeconômico tão variado destes atores. Em contraste com as correntes mais ortodoxas de entendimento do terrorismo, é necessário compreender que o terrorismo suicida segue uma lógica estratégica, especialmente construída para coagir seus oponentes estatais a fazerem concessões territoriais significativas. O

terrorismo suicida em muitos casos possui eficácia estratégica, à exemplo da retirada das tropas americanas e francesas do Líbano em 1983. A causa política do terrorista, na grande maioria das vezes, atinge ganhos maiores após o uso das operações suicidas (PAPE, 2003). Os estudos críticos do terrorismo e a abordagem deste fenômeno através da ótica dos estudos de conflito (FRANKS, 2009) procuram entender o terrorismo de forma mais ampla do que vem sendo feito pela teoria ortodoxa. A abordagem clássica (ou ortodoxa) do terrorismo foca exclusivamente na violência destes grupos. Para uma abordagem mais crítica, os estudos clássicos se detêm muito no que consiste o terrorismo e como ele opera, sem se preocupar com os motivos causais e raízes do fenômeno (*root causes*). A abordagem clássica possui como pressuposto a legitimidade da violência estatal em detrimento da ilegitimidade da violência dos atores não estatais, desqualificando, portanto, seu interlocutor (FRANKS, 2009). A abordagem ortodoxa se constitui na construção de um discurso que atende aos interesses dos Estados hegemônicos no que tange ao seu entendimento sobre o terrorismo e suas conseqüentes políticas de segurança estatal. O discurso estatal não necessariamente representa a realidade em relação aos grupos terroristas e serve às necessidades de segurança do Estado Westphaliano, funcionando como base para a elaboração das políticas anti e contra terrorismo (FRANKS, 2009), frequentemente truculentas e improdutivas.

De acordo com a abordagem crítica (JACKSON, 2009) os estudos clássicos falham vez que reforçam uma perspectiva estatal da análise, insistindo na binariedade entre legal e ilegal, entre Estado (uso legítimo da violência) e terrorismo (uso paraestatal e ilegítimo da violência). Embora o conceito de terrorismo ainda seja um assunto bastante disputado e longe de um consenso, é contribuição dos estudos críticos do terrorismo a afirmação de que as ferramentas anteriores são insuficientes para o bom entendimento do fenômeno. A abordagem crítica é multidimensional e trata do fenômeno como conflito, em vários níveis de análise: estatal, não estatal, estrutural, político e individual. A abordagem crítica do terrorismo permite sua compreensão como ferramenta instrumental e estratégica que pode ser aliada a outros recursos e táticas, além de introduzir a possibilidade de análise do terrorismo de Estado, antes ignorado ou legitimado (FRANKS, 2009). Uma abordagem mais holística, como é a intenção desta corrente, contempla os abusos da violência estatal antes indiscutivelmente legítima; questiona a

ilegitimidade da violência não estatal na medida em que discute suas verdadeiras causas; analisa os aspectos socioeconômicos, históricos, nacionais, culturais, individuais, religiosos e políticos do terrorismo; e por fim os aspectos individuais do fenômeno, discutindo a relevância da identidade, do nacionalismo e da religião. Diferentes combinações destes aspectos constituem a motivação de um ato terrorista, sem haver, portanto, uma causa única para o fenômeno e tendo sempre em conta a especificidade de cada caso e as possibilidades de combinações variadas dos diferentes aspectos.

Lamentavelmente, o terrorismo é parte importante da história da humanidade, sendo praticado por Estados, indivíduos ou organizações. É encontrado em toda e qualquer região do mundo, independentemente de religião, regime político ou cultura. O terrorismo é um recurso estratégico também empregado em outros momentos históricos. Responsabilizar exclusivamente a religião pelo terrorismo gera consequências perigosas. Em primeiro lugar, pois incentiva estereótipos e preconceitos intrarreligiosos, alimentando novos conflitos. Em segundo lugar, pois não aborda as verdadeiras causas políticas e sociais que motivam o terrorismo. O terrorismo suicida é muito menos sensível a qualquer influência do fundamentalismo islâmico do que à ocupação militar estrangeira. Pape (2003), ao analisar todos os ataques suicidas cometidos por organizações não governamentais desde 1980, verifica que 95% deles tiveram motivação nacionalista ou secular (NASSER, R. M., 2011).

A ideia de que a religião sozinha é causa necessária ou suficiente para o suicídio é em geral refutada pela literatura que trata do assunto. À exemplo do caso libanês, os ataques suicidas não foram de responsabilidade exclusiva do Hezbollah, partidos políticos seculares eram igualmente engajados nestas atividades. De acordo com a antropóloga Lara Deeb (2006), ao menos metade dos ataques suicidas contra as forças de ocupações israelenses no sul do Líbano foram perpetrados por membros de partidos seculares ou de esquerda. De acordo com Christoph Reuter (REUTER, 2004, apud CRENSHAW, 2007) no Líbano dos anos 1980, religião, patriotismo, e a disposição para o autossacrifício facilmente se mesclavam quando o desafio era resistir um ocupante estrangeiro de uma fé diferente. Assim, não se trata da doutrina religiosa *per se*, mas da diferença entre a religião do ocupante e do ocupado; de forma que a principal sustentação do

terrorismo aqui é o nacionalismo, que é inflamado pela diferença religiosa (PAPE, 2005, apud CRENSHAW, 2007). Estes grupos utilizam-se da ocupação destas populações por um determinado Estado e da demonização do inimigo invasor para que se possa justificar o martírio como moralmente aceitável. A religião pode motivar o apoio e a participação de novos membros, vez que ela enfatiza a redenção, o martírio e a recompensa política, mas ela não é fator necessário (à exemplo do próprio LTTE e dos anarquistas russos no início do século XX) e reflete demandas populares anteriores. Quando a religião é presente, ela não é um elemento exclusivo, estando muito comumente mesclada com o nacionalismo e com a solidariedade comunitária (CRENSHAW, 2007).

A religião funciona como um elemento muito mais agregador e motivacional do que fomentador de uma irracionalidade propriamente dita. Existe uma influência estrutural de aspectos socioeconômicos que contribuem para a causa da violência, como privações, subdesenvolvimento e desemprego aliados a conflitos violentos e a economias fracas com escassos recursos (FRANKS, 2009). A religião como ideologia tem nestes casos justamente essa função instrumental catalizadora. Crenshaw (2007) defende que o terrorismo não possui raízes em uma psicopatologia ou no fanatismo, ou sequer está fundamentado em uma única causa padrão como privação, crença religiosa ou frustração pessoal. O terrorismo é uma tática adaptável e controlável. Ele possui valor instrumental, de modo não se pode aglutinar o conceito de maneira indevida aplicando-o de forma generalizada.

O uso discursivo da religião, do martírio, da humilhação e a resistência é amplamente observado nas declarações do Hezbollah, como forma de inflamar demandas nacionalistas e autonomistas, de resistência contra a ocupação e ingerência estrangeiras, mesmo após o abandono das atividades terroristas. Os ataques do Hezbollah foram sempre, em sua grande maioria, contra alvos militares do inimigo, não civis, o que nos permite inclusive questionar o próprio enquadramento do grupo como terrorista no sentido ortodoxo do termo: irracional, visando maior número de mortes civis, religioso e apolítico. Conclui-se, portanto, que o terrorismo é uma tática militar e estratégica em uma luta entre forças desiguais, podendo ser feita através de ideologias políticas, religiosas ou de libertação nacional.

Assim, a teoria crítica dos estudos do terrorismo nos parece mais adequada para um melhor entendimento do fenômeno, visto que analisa as causas e raízes desta violência de forma multidimensional, não se limitando à ótica exclusivamente estatal, propondo uma aproximação mais sofisticada do fenômeno. Ao levar em conta aspectos socioeconômicos, estruturais e políticos, o estudo de conflitos nos permite uma análise holística do terrorismo e melhor compreensão de suas verdadeiras motivações para que então as medidas de segurança estejam mais adequadas à realidade e às demandas destes grupos.

O Terrorismo como Resistência

Muitas vezes, movimentos que se autodefinem como movimentos de luta pela liberdade são oficialmente classificados como terroristas pelos governos aos quais se opõem. De forma que só se legitima a luta pela liberdade por determinadas populações, enquanto a luta de outras populações é automaticamente classificada e deslegitimada como terrorista (AVNERY, 2000 e 2001; HANIF, 2003). Uma vez que os alvos dos ataques terroristas do Hezbollah foram essencialmente militares e membros do corpo do exército israelense – como soldados, instalações, comboios e veículos militares – esta tática é autopercebida como estratégia de resistência, através da qual se luta contra uma invasão estrangeira e se enfrentam retaliações dentro do território libanês.²

O cientista político Robert Pape (2003) enfatiza os aspectos mais táticos e estratégicos do terrorismo, de demanda política e de insurreição dos militantes paraestatais. O autor procura não vincular o fenômeno a aspectos exclusivamente religiosos, fanáticos ou irracionais. De acordo com Pape (2003) explicações psicológicas têm sido contrariadas por um leque alargado de origens socioeconômicas dos terroristas suicidas. Analisando todos os 187 atentados cometidos ao redor do globo entre 1980 a 2001, o autor demonstra que o terrorismo

² Israel, contudo, em diversos momentos acusa o Hezbollah de sequestro a soldados israelenses nas regiões de fronteira e de atacar suas cidades fronteiriças ao norte com mísseis e foguetes.

suicida segue uma lógica estratégica especificamente projetada para coagir democracias modernas liberais a fazerem concessões territoriais significativas por autodeterminação nacional de determinado grupo. Em geral estas campanhas visavam conquistar objetivos territoriais específicos, mais comumente a retirada das forças militares estatais dos territórios vistos como pátria nacional dos terroristas sob ataque. Este foi o caso libanês contra o Estado de Israel, objetivando estabelecer ou manter autodeterminação para sua comunidade nacional através da coerção e constrangimento do inimigo para que ele se retirasse do território (PAPE, 2003). Foram seis as campanhas do Hezbollah contra os EUA e França entre 1983 e 1984, se utilizando de ataques a embaixadas, quartéis e sedes militares. E foram vinte e duas as campanhas do Hezbollah contra Israel entre os anos de 1983 e 1986, todas contra postos e patrulhas da IDF e postos avançados do SLA (*South Lebanon Army* – milícia libanesa pró Israel).³ A combinação de ataques suicidas e ataques convencionais pelo Hezbollah contra as forças israelenses teve papel fundamental na coerção e efetividade das estratégias contra a presença israelense em seu território. Embora os ataques suicidas tenham cessado, seu apoio popular permanece fundamentado na retirada dos israelenses do sul do Líbano em 2000 e 2006 (NASRALLAH, 2009, 2012).

A ocupação militar estrangeira contemporânea é altamente motivadora dos ataques suicidas, além do apoio norte-americano a governos locais impopulares. Variantes pessoais, econômicas, estruturais e organizacionais, internas e externas, como o conflito em curso e as estratégias antiterror utilizadas pelo lado oposto, são exemplos dos tantos fatores que a perspectiva crítica leva em conta. A popularidade destes grupos vem da expressão de sentimentos de privação, injustiça e hostilidade em relação ao contexto histórico-estrutural e ao ocupante. A brutalidade da resposta do inimigo estatal reforça estes sentimentos, que são por sua vez sabiamente explorados pela retórica da liderança dos grupos terroristas.

O terrorismo é sempre um instrumento para obtenção de objetivos políticos. Estes podem ser de direita ou de esquerda, revolucionários ou reacionários, religiosos ou secularistas (AVNERY, 2001). De acordo com o autor, são muito poucos os movimentos de libertação que não fizeram uso do terrorismo em ao menos algum momento de sua trajetória, como é o caso dos algerianos contra os

³ Dos 22 ataques, somente um foi contra a estação de rádio da SLA e outro contra líderes da milícia cristã em Beirute.

ocupantes franceses, de Nelson Mandela e do Irgun contra os árabes e os britânicos. Trata-se do mesmo método sendo utilizado de diferentes maneiras e por diferentes atores, legítima ou ilegítimamente, à direita reacionária ou à esquerda revolucionária. De acordo com Halliday (2004) o terrorismo é um fenômeno moral e político interligado com a questão da revolta e da oposição contra a opressão. O terrorismo está relacionado a um conjunto de táticas militares que são parte da luta militar e política que visa forçar o inimigo a se submeter através de uma combinação entre matança e intimidação.

Embora motivações religiosas estejam presentes, o terrorismo suicida moderno não é limitado ao fundamentalismo islâmico, e mesmo entre atentados suicidas islâmicos, grupos com orientações secularistas são responsáveis por um terço dos casos (PAPE, 2003). A exemplo do relatório da Europol (apud MATTAR, 2012), dos 294 incidentes terroristas na Europa em 2010, apenas um foi de autoria islâmica, e a grande maioria foi de responsabilidade de grupos neonazistas de extrema direita⁴. Robert Pape (PAPE, apud MATTAR, 2012) também desconstrói o clichê midiático quanto à personalidade terrorista quando investiga que 57% dos terroristas suicidas de 1980 até início dos anos 2000 era laica e apenas 43% deles eram religiosos, sendo que nem todos eram islâmicos.

O Hezbollah

Postas as devidas ressalvas com relação à terminologia do terrorismo e de seus diferentes usos, a seguir analisaremos os aspectos internos e o funcionamento em redes do Hezbollah. Somente compreendendo seu complexo funcionamento e a quais ramos de atividade o grupo se dedica, é que poderemos entender o motivo do seu amplo apoio popular por diferentes camadas da população libanesa.

A comunidade xiita no Líbano possui historicamente baixa influência econômica, com altas taxas de analfabetismo até os anos 1940, sendo que a

⁴ Curiosamente, muitos grupos de extrema-direita europeus - xenófobos e nacionalistas - dizem agir contra uma suposta invasão muçulmana no continente.

maioria dos xiitas era de agricultores. Até os anos 1960 os xiitas viviam majoritariamente em áreas rurais, especialmente no sul e no vale do Bekaa, aonde as condições de vida não se aproximavam dos padrões do resto da nação. A rápida urbanização fruto da incorporação na economia capitalista mundial alargou ainda mais as disparidades econômicas no Líbano (DEEB, 2006). Nos anos 1960 e 1970, o crescimento de forças políticas anti-*status-quo*⁵ no Líbano, incluindo as guerrilhas palestinas e as diversas correntes do movimento comunista, atraíram muitos jovens xiitas para suas fileiras (NORTON, 1998). Inicialmente, a crescente população urbana - majoritariamente formada por xiitas empobrecidos e privados de direitos - não estava mobilizada em torno de linhas sectárias, mas sim aliadas ao Partido Comunista Libanês e ao Partido Socialista Nacionalista Sírio⁶ (DEEB, 2006). A década de 1960 foi de fervor radical e de secularismo militante, e muitos xiitas se mobilizaram para juntarem-se àqueles que prometiam reformas e revolução. Foi neste ambiente, no tumulto pré-guerra civil, que o clérigo iraniano al-Sayyid Musa al-Sadr lançou em 1974 um movimento de reforma populista que incitou dezenas de milhares de xiitas à ação política, o Amal. Contudo, não houve iniciativa por parte das elites libanesas em atender as demandas xiitas por um acesso mais amplo aos serviços públicos e por uma parcela maior de poder político, além da promoção de reformas basilares socioeconômicas e no sistema político (NORTON, 1998).

O Hezbollah, em continuidade ao vanguardismo do Amal⁷, propeliu a nascente mobilização política xiita e a divorciou dos partidos de esquerda. Havia uma crescente percepção entre os xiitas de que a esquerda libanesa havia falhado tanto em assegurar maiores direitos aos pobres quanto em proteger o sul do Líbano dos confrontos entre a OLP e Israel (DEEB, 2006). Esta mudança na base de apoio não necessariamente reflete um resurgimento de religiosidade. Na realidade, Norton (1998) afirma que muitos dos apoiadores xiitas do Hezbollah, especialmente aqueles

⁵ Desde o período colonial, o Líbano operou principalmente servindo aos interesses de uma minoria demográfica e social (maronita e sunita) que durante décadas se encastelara no poder público e no controle da economia, mostrando-se altamente concentradora de riqueza e renda, socialmente desigual e excludente (KARAM, 2010b).

⁶ A Síria atuou persistentemente na vida política libanesa entre 1992 - através da manipulação da composição das listas de candidatos, visando assegurar a vitória de seus aliados no país - até sua retirada em 2005, como desdobramento do atentado contra o Primeiro Ministro Rafic Hariri (NORTON, 2007).

⁷ Ao sul as forças de resistência do Amal tiveram papel essencial na confrontação contra a ocupação israelense. O ápice do poder do Amal foi em 1985, porém, acusações de ineficiência, corrupção e fraca liderança enfraqueceram o grupo, que ainda mantém uma importante base política nos vilarejos ao sul do Líbano.

da classe média, são bastante casuais na sua prática religiosa e detêm preocupações de cunho mais pragmático, utilitário e socioeconômico do que propriamente religiosas. O partido é hoje composto essencialmente por muçulmanos xiitas, muitos dos quais se sentiam sub-representados nos sistemas econômico e político durante grande parte da existência do Líbano, apesar de responderem por cerca de 40% da população do país⁸ (WIEGAND, 2009). De acordo com o historiador Christian Karam (2010a), o massivo apoio interno no âmbito político-social gozado pelo Hezbollah advém de grupos sociais libaneses historicamente marginalizados - como operários, classes médias urbanas e camponeses de maioria xiita - pela elite burguesa liberal tanto cristã (notadamente maronita) quanto muçulmana sunita de Beirute e das principais cidades do país.

O grau de apoio popular do Hezbollah é bastante significativo e não pode ser desmerecido em favor de análises que visam marginalizar o grupo. É evidente que o grupo explora seu papel vitorioso na resistência de modo a construir e manter seu apoio político e eleitorado, relembrando os sacrifícios dos combatentes do Hezbollah contra a ocupação israelense. Contudo, é inquestionável que a resistência é extremamente popular entre os xiitas. Na verdade, a ocupação israelense é vista com bastante suspeita no sul do Líbano, inclusive em termos geoestratégicos, para ocupação de terra e utilização das fontes de água libanesas (NORTON, 1998). A resistência goza de amplo apoio principalmente dentre os xiitas que foram as vítimas principais da ocupação israelense. Também os Estados Unidos são condenados por seu apoio a Israel, que repetidamente apoia ou promove massacres no Líbano com anuência das elites locais.⁹ O Hezbollah faz uso destas acusações e desconfiança à Israel invocando algumas das principais figuras do imaginário xiita, condenando o derramamento de sangue inocente e fortalecendo a resistência. De acordo com Norton (1998), não há dúvida de que a presença israelense no sul do Líbano tem fomentado o radicalismo libanês.

⁸ As estatísticas sobre o percentual da população xiita no Líbano são bastante variadas, percorrendo de 33% a 45% da população total do país. Em 2011 o Banco Mundial estimava a população total em 4.259.405 de habitantes. Desde 1932 não se realiza um censo demográfico oficial no país, o que dificulta a precisão dos dados. Dahr Jamail firma que 59,7% da população é composta de muçulmanos, em sua maioria xiitas (JAMAIL, 2006).

⁹ De acordo com as autoridades israelenses, o Hezbollah é acusado de terrorismo e de representar uma ameaça à sua população, em especial aos vilarejos ao norte do país. A presença do Hezbollah (especialmente no que tange ao seu braço armado) no Líbano é percebida como desestabilizadora e ilegal.

Para as massas árabes e muçulmanas o Hezbollah se constituiu como o grande vencedor ao infligir, após 18 anos de enfrentamentos, uma derrota a Israel (que, em 2000, retirou suas tropas ocupantes da então chamada "zona de segurança" do sul do Líbano). Em seus slogans de campanha o Hezbollah capitalizou e continua a capitalizar ganhos políticos sobre seu papel na resistência em 2000 e 2006 e na reconstrução do Líbano. A crítica e oposição ao uso frequentemente desproporcional e ilegal da força militar por parte de Israel tanto nos seus ataques à Faixa de Gaza quanto ao Líbano, assim como a proposição de reformas socioeconômicas e políticas, formatam seu caráter nacionalista e inclusivo.

Inflexão Ideológica e o Pragmatismo Político do Partido

Quando optou por participar nas primeiras eleições políticas libanesas após o fim da guerra-civil no país, o partido passou por uma evolução política, a denominada 'libanização'. A partir de 1992 houve no Hezbollah uma inflexão ideológica, abandonando determinadas posições teológicas - a exemplo da instauração de uma República Islâmica no Líbano - em prol de uma inserção política, eleitoral e pragmática no sistema político libanês. O Hezbollah evoluiu de modo a transformar-se em um partido leal, patriota, democrático e consociativo, semelhante aos demais (JELLOUN, 2007). O Hezbollah adotou, portanto, uma postura racionalmente estratégica que escolheu pela inclusão do grupo como partido dentro do sistema confessional libanês abrindo mão de suas ideologias originárias e integrando-se verdadeiramente ao sistema político nacional (NORTON, 1998, 2007; KARAM, 2010b) representando grupos sociais domésticos historicamente marginalizados.

A retórica e documentos escritos pelo Hezbollah não constituem prova que o grupo está tentando construir um Estado islâmico no Líbano. Evidências concretas sugerem, na realidade, o oposto. Ao contrário de confrontar o Estado de forma perpétua, o Hezbollah evoluiu consideravelmente, moderando sua retórica e

efetuando concessões táticas, mantendo seu foco estratégico. Seus líderes frequentemente declaram que a construção de um Estado islâmico no Líbano na atual conjuntura histórica é impraticável (SAAB, 2008). Norton (1998) afirma que os deputados do Hezbollah têm se comportado de forma responsável e cooperativa, e frequentemente constroem alianças políticas no parlamento em bases pragmáticas. A política comum possui um efeito pragmatizador sobre o Hezbollah, que desde finais da década de 1980 entrou em acordo com as realidades libanesas e alijou seu compromisso em estabelecer um sistema de governo islâmico no país¹⁰. (NORTON, 1998).

Para Norton (2007), nos seus dias iniciais, o Hezbollah desdenhava a política libanesa. O círculo de jovens clérigos que formava os quadros do grupo ressentia a liderança não clerical do Amal, bem como sua acomodação com o clientelismo e a corrupção. Foi, portanto, sob a liderança de Hassan Nasrallah iniciada em 1992 que o Hezbollah se comprometeu em trabalhar conjuntamente com o Estado libanês através da participação eleitoral, uma decisão que alienou alguns dos clérigos mais radicalmente orientados da liderança do grupo (DEEB, 2006). De forma geral a decisão de participar da política libanesa foi amplamente popular entre a comunidade xiita, onde existe um profundo sentimento de privação ou cassação dos direitos políticos. A aquisição de assentos no Parlamento também permitiu acesso mais amplo aos recursos do governo (alocações) que são tipicamente distribuídas de forma confessional no Líbano. Há também benefícios estratégicos na vitória eleitoral. O Hezbollah adquiriu reconhecimento oficial como uma instituição política no Líbano ao mesmo tempo em que obteve um lugar na mesa de negociações (NORTON, 2007).

Apesar da classificação do Hezbollah como um grupo terrorista por diversos Estados, o grupo não somente é visto como um ator legítimo pelos demais partidos governistas, mas como um ator que empunha poder suficiente para ser respeitado e ser levado a sério (WIEGAND, 2009). Nas eleições parlamentares de Agosto de 1992, os membros do Hezbollah foram bem sucedidos em mobilizar apoio popular através da apresentação de um programa político e social inclusivo, o que lhe concedeu 8 dos 128 assentos totais. Um dos fatores mais significativos para esta vitória foi a formação de uma coalizão com outros segmentos religiosos, incluindo

¹⁰ Funcionários do Hezbollah também têm enfatizado seu desejo de dialogar com os Estado Unidos desde os anos 1990

muçulmanos sunitas e cristãos. Desde então, o Hezbollah participou nas eleições parlamentares de 1996, 2000 e 2005 e nas eleições municipais de 1998 e 2004. Nas eleições parlamentares de 2000, a presença do Hezbollah no parlamento subiu de 9 para 12 assentos. Em coalizão com o Amal, conquistou todos 23 assentos no sul do Líbano e todos os 9 assentos na região de Baalbek-Hermel, no vale do Bekaa. Nas eleições parlamentares de 2005, a aliança entre o Hezbollah e o Amal obteve controle de 35 dos assentos, ou 27% de todas as cadeiras, e nas eleições de Junho de 2009 o bloco do Hezbollah conquistou 57 assentos, ou 44,5% das cadeiras (WIEGAND, 2009).

O Hezbollah faz uso de escolhas racionais e pragmáticas visando atingir objetivos e agendas políticas domésticas como um partido integrante da política libanesa, visando maior adaptabilidade e sucesso político. Neste sentido, a participação do grupo no sistema libanês passou a ser percebida pelos seus próprios pares como legítima (WIEGAND, 2009). A desradicalização, normalização ou libanização do grupo refletiria o sucesso das sucessivas vitórias eleitorais e democráticas do grupo, a proposição de plataformas cada vez mais pragmáticas, nacionalistas, socioeconômicas – e não teológicas. O pragmatismo e adoção de posturas cada vez mais conciliatórias e transigentes são aceitos como a única forma de atingir as mudanças necessárias ao país, inclusive como estratégia para sua manutenção no jogo político e aumento de seu eleitorado. A participação governamental tende a encorajar o pragmatismo político e a transigência para harmonização de interesses, principalmente porque o Hezbollah precisa ter em conta o eleitorado libanês bastante heterogêneo. Qualquer partido que adentre o jogo político precisa fazer barganhas políticas de modo a poder aprovar seus projetos e cumprir sua agenda, e é este também o caso do Hezbollah, que tem se mostrado um partido político bastante sério (NORTON, 1998).

A forte atuação política e socioeconômica nos níveis local e municipal do grupo é base fundamental de seu apoio e legitimidade. A partir da década de 1990 e de forma crescente, o Hezbollah vem adotando plataformas puramente utilitárias e socioeconômicas. Neste sentido, a transformação e inclusão do grupo são respostas às demandas de suas lideranças, mas, principalmente, de seu próprio eleitorado, forçando-o em direção ao pragmatismo (HAMZEH, 2000). A análise de manifestos, declarações e pronunciamentos oficiais do líder Hassan Nasrallah são de

fundamental importância para compreendermos o caráter pragmático, anti-sectário e nacionalista do grupo, visando à emancipação dos xiitas e árabes sub-representados. Neste sentido também existe uma instrumentalização do discurso anti-sectário pela união de cristãos e muçulmanos - sunitas e xiitas – em prol do interesse nacional e contra um inimigo externo comum, construindo uma coesão de grupo e identidade na resistência. Os próprios esforços de reconstrução de locais atingidos, através da promoção de trabalho social, habitacional e de crédito, detêm uma simbologia de reforço da memória dos ataques de Israel e danos a civis libaneses e, em resposta, da vitória através da Resistência.

O Islamo-Nacionalismo e A Socioeconomia de Redes

No âmbito doméstico o Hezbollah afirma-se portador de um projeto político-social nacionalista que se coloca acima das diferenças de ordem confessional e religiosa, alegando agir em favor da união dos libaneses em torno de um ideal comum de expulsão do inimigo sionista (KARAM, 2010b). O islamo-nacionalismo libanês é uma forma de reformismo socioeconômico islâmico, autonomista, que remete à alguns espíritos da esquerda, mas revestido de uma linguagem religiosa que amplia a base de apoio doméstica e regional do partido. Para Karam (2010b), a inserção institucional do Hezbollah no sistema político confessional leva em conta dois pontos centrais. Primeiramente, o fenômeno do islamo-nacionalismo intercomunitário, e, em segundo lugar, a constituição de redes econômicas e sociais e de organizações não-governamentais (ONG's) para suprir as carências e problemas de comunidades periféricas e marginalizadas. A responsabilidade sobre a defesa de toda e qualquer opressão e injustiça é presente nos princípios e programas eleitorais do partido.

Já em 1983, o Hezbollah havia criado uma extensa rede de serviços sociais e de infraestrutura que o governo libanês era incapaz de fornecer, incluindo serviços de saúde à comunidade, distribuição de água, eletricidade e remoção de lixo

(HARIK, 2004, apud WIEGAND, 2009). O Hezbollah é, indiscutivelmente, a organização política mais efetiva no país, fornecendo serviços sociais altamente eficientes, diferentemente de qualquer outra organização no Líbano (NORTON, 1999, apud WIEGAND, 2009). A participação eleitoral, o pragmatismo político e as atividades socioeconômicas, bem como a resistência contra a ocupação militar, visam à elevação do status da nação libanesa em direção à sua autonomia, mas também elevação do status dos xiitas anteriormente oprimidos e marginalizados, cooptando cada vez maior apoio popular e incentivando o diálogo e a cooperação nacional anti-sectária. De acordo com Karam (2010b) a formação do islamo-nacionalismo libanês e sua socioeconomia de redes é um fenômeno político e social de empoderamento da comunidade xiita historicamente a margem das instituições estatais e desprovida de direitos políticos, sociais e excluída economicamente.

O Hezbollah assumiu a projeção e a execução de programas econômicos e sociais de assistência a parcelas da sociedade libanesa, sobretudo xiitas, destroçadas pelo conflito que recém findara e desamparadas por um Estado frágil e quase inexistente em diversas esferas (KARAM, 2010b). Lara Deeb (2006) afirma que atualmente o Hezbollah abarca apoio político que transpõe questões meramente sectárias, numa chave muito mais nacionalista, o que reforça seus quadros não de populações pobres, mas de classe média e alta. O apoio popular tampouco se limita exclusivamente ao segmento xiita, refletido na diversificação de sua plataforma e o largo espectro de apoiadores, que se identificam com seu trabalho social, mas também com seu papel ativo na resistência, sua ideologia nacionalista e anticorrupção.

O Hezbollah, como representante do islã-político em sua versão islamo-nacionalista e libanesa, atua às margens do Estado como entidade associativa, beneficente, espiritual e material em virtude da ausência de serviços públicos adequados e amplamente distribuídos em razão da crise Estado neoliberal (KARAM, 2012¹¹, informação verbal). O Hezbollah atua, portanto, permeando as instituições estatais, mas também em estrita colaboração com as mesmas, como uma forma de preenchimento de um vácuo tanto ideológico quanto de função socioeconômica por ineficiência ou incapacidade estatal. A resistência deve ser vista de forma complementar ao projeto nacional de fortalecimento do Estado, ela é vista pelo

¹¹ Informação fornecida por Christian Da Camino Karam em palestra/curso realizado no Instituto da Cultura Árabe em Junho de 2012

grupo como uma pré-condição para a construção do Estado nacional e fortalecimento de suas instituições de maneira sólida, firme e autônoma (HIZBULLAH MEDIA RELATIONS, 30/11/2009).

Visando atrair votos, os programas dão ênfase aos aspectos econômicos, sociais e desenvolvimentistas dos vários municípios, particularmente os mais privados. As políticas e plataformas do Hezbollah se tornaram puramente utilitárias, ao invés de ideológicas ou religiosas (HAMZEH, 2000). Impressiona a extensão com que temas não religiosos são habitualmente enfatizados, incluindo a exploração econômica e o subdesenvolvimento, desigualdades no sistema político, liberdade individual civil, oportunidade e segurança (NORTON, 2007). As instituições do Hezbollah promovem assistência material aos despossuídos, ainda que integradas em torno de um imaginário religioso discursivo que confere noção identitária e de pertencimento ao seu eleitorado. Trata-se de uma modalidade de islamização pragmática, moderada, muito inteligente e habilidosa, que embute o conceito de sociedade de resistência em todos os aspectos da vida cotidiana libanesa.

O Empoderamento Xiita

Larbi Sadiki (2011) ressalta os aspectos da opressão social e política dos libaneses xiitas, fortemente utilizado pelo grupo, que se mantém perto das demandas populares, estreitando sua ligação junto aos despossuídos e falando sua língua. O empoderamento xiita está diretamente relacionado à resistência contra a privação social, econômica e política, além da resistência contra a ocupação. De acordo com o autor, o grupo nasceu da ignomínia do esquecimento, da exploração feudal, do viés sectário e da marginalização completa para ocupar hoje o centro do palco político libanês. Para Sadiki (2011), em menos de 30 anos o Hezbollah converteu a fraqueza sociopolítica xiita em uma gravidade política contrabalanceadora. O Hezbollah é uma espécie de oráculo dos oprimidos, e os dois temas chaves e recorrentes que explicam sua existência são a privação e a

resistência. Elas caminham lado a lado e se auto referem constantemente. O Hezbollah se utiliza da linguagem do 'imperialismo global', mesclada com significados em relação aos 'oprimidos', 'humilhados', e as demandas por 'justiça', 'autodeterminação' e 'liberdade'. É na chamada para mudança através da resistência que eles encontram consolo, uma forma de redenção, e esperança para reconstituição como iguais e livres perante os demais seres humanos. Neste sentido, o líder de um segmento minoritário do islã, chamado por Sadiki (2011) de 'Che Guevara muçulmano', substituiu de certo modo um Nasser sunita como um emblema da resistência e da liberdade árabe, atendo-se com especial interesse à causa palestina.

Para Larbi Sadiki (2011), Hassan Nasrallah sempre teve seus ouvidos pertos do chão, criando um elo com os despossuídos. Foi inspirado no Imam Khomeini que Nasrallah modernizou o Hezbollah e articulou um projeto político que incorporava empoderamento, transformando a *Ashoura* e todo o imaginário da *Karbala* em um potente inventário para reinventar não somente a identidade política, mas também a própria identidade xiita no Líbano. O apoio popular do Hezbollah é duradouro, e transcende sua função estritamente militar. Argumentamos, portanto, na linha de raciocínio de Harb e Leenders (2005), que a resistência não é um estágio atrás do pragmatismo político desarmado, mas que a resistência deve ser entendida em seu sentido mais amplo, contra a sub-representação eleitoral, social e econômica dos xiitas ou dos miseráveis, mas também contra a ingerência externa, doméstica e regional pró-ocidente. A sociedade de resistência envolve o aspecto de resistência militar, mas também de resistência contra a opressão, à marginalização e a sub-representação. Uma análise holística do Hezbollah não nos permite desvencilhar resistência militar, religião, participação política e assistencialismo social. Conforme afirma Sadiki (2011), o Hezbollah em realidade articulou um complexo projeto político que incorporou o empoderamento xiita, transformando a noção de sociedade de resistência e o imaginário xiita de modo a reinventar a própria identidade desta população no Líbano.

A Visão Holística e a Resistência Como Sociedade

Os teóricos Mona Harb e Reinoud Leenders (2005) afirmam ser necessário perceber que tanto a rotulação do Hezbollah como um grupo terrorista quanto sua identificação como uma força política 'libanisada' que está prestes a fazer sua conversão para um partido político desarmado nos induzem ao erro e são incapazes de alcançar as complexidades desta organização. A variedade de instituições que o Hezbollah tem elaborado e readaptado cuidadosamente durante as duas últimas décadas no Líbano operam hoje como uma rede integrada, holística e indescindível que produz conjuntos de valores e significados que se penetram em uma armação religiosa e política inter-relacionada. Estes significados são disseminados entre os eleitorados xiitas através das redes institucionalizadas do partido e servem de forma a mobilizá-los para a 'Sociedade da Resistência', que é o alicerce consolidador da esfera islâmica de produção de sentido à vida e de construção identitária xiita.

É preciso que contemplemos o caráter holístico do Hezbollah e sua vasta rede de instituições de serviços sociais e assistencialistas, plataformas políticas pragmáticas e de resistência aliados em torno de um todo integrado em redes, no sentido de apresentar o partido como organização plural, em objeção ao entendimento exclusivamente radical e terrorista do grupo. A noção de resistência do grupo, apesar de controversa, permanece pautada nos princípios básicos de emancipação e construção da autonomia do Líbano frente à ingerência de potências externas atuantes na região, de atendimento à demandas socioeconômicas populares e de empoderamento da parcela xiita e miserável às margens do Estado, social, política e economicamente sub-representada. Não se deve situar incorretamente suas atividades sociais como separadas das demais, enquanto seus próprios líderes concebem a resistência igualmente como empreendimento militar, social e político. Analisando a dinâmica interna do grupo, verificaremos que é praticamente impossível desprender o aspecto militar do político, e vice-versa (SAAD-GHORAYEB, 2002, apud HARB & LEENDERS, 2005).

A noção de Sociedade de Resistência é holística, e não se pode desvincular a resistência contra a subrepresentação política e marginalização socioeconômica

xiita da resistência militar contra a ingerência externa estrangeira. A especificidade do Hezbollah está justamente na inter-relação e não compartimentalização de seus aspectos políticos, socioeconômicos, militares, religiosos e nacionalistas. O entrelaçamento destes aspectos configura a própria razão da legitimidade e apoio do grupo.

O partido alia o caráter religioso, pragmático, militar e social de forma múltipla e holística de maneira altamente habilidosa. O crescente apoio ao Hezbollah e sucesso das instituições se dá em virtude de seu funcionamento em uma rede holística e integrada, que produz significado individual e coletivo aos seus beneficiários. Conforme colocam Harb e Leenders (2005), as instituições do Hezbollah também disseminam códigos, normas e valores que produzem e reproduzem o que tem sido designado pelo partido como 'a sociedade de resistência'. De forma que é necessário também analisar os significados simbólicos contidos nos serviços fornecidos por estas instituições para que se possa explicar sua natureza holística. As atividades do Hezbollah são bem sucedidas justamente porque elas operam em uma rede holística e integrada. Esta rede produz significado individual e coletivo aos seus beneficiários, explicando a ampla legitimidade do Hezbollah entre os xiitas e seu senso de empoderamento..

Através do empoderamento xiita o Hezbollah fornece uma importância social a este segmento, constrói uma sólida legitimidade entre os xiitas e outros grupos marginalizados, fornecendo-lhes uma identidade coletiva e um senso de pertencimento. A sociedade de resistência modifica a percepção dos xiitas como empobrecidos possibilitando a transformação, a mudança, o progresso e o autonomismo (SADIKI, 2011). A alta habilidade e engenhosidade do Hezbollah verificam-se na medida em que este entrelaçamento se reflete em altos índices de popularidade, participação integrada na política e vida libanesas, legitimidade e fornecimento de significado individual e coletivo aos seus membros.

A Produção de Sentido à Vida

Resgatando o imaginário histórico dos xiitas como oprimidos e lhes conferindo um senso de identidade comunitária e empoderamento social, político e militar, o Hezbollah solidifica seu apoio entre esta parcela da população. O conceito de ‘opressores’ e ‘oprimidos’ é essencial para a compreensão da ideologia política e religiosa do Hezbollah. Ao fazer uso do conceito abrangente de ‘oprimidos’, o grupo produz uma acepção inclusiva que visa defender a justiça social e política. O Hezbollah parece utilizar-se de uma terminologia marxista, traduzida ou interpretada em termos islâmicos, ao longo das temáticas de justiça econômica, política e social, de forma a produzir uma certa modalidade de ‘socialismo islâmico’ (ALAGHA, 2006, apud KARAM, 2010b). A Sociedade de Resistência modifica a percepção dos xiitas como indivíduos deserdados para desempoderados. É este nuance que possibilita a oportunidade da transformação e da mudança contra a estagnação.

O Hezbollah transforma o típico complexo de vitimização xiita em valores significativos de justiça, solidariedade, sacrifício e progresso, que, em retorno, instigam um aumento de autoestima e valorização dos xiitas, além de gerar um sólido senso de orgulho. Empiricamente, o entrelaçamento do social e do militar, do espiritual e do material, está incorporado nas políticas implementadas pelas instituições do Hezbollah. Assim, as políticas educacionais do partido que visam redefinir a estrutura da sociedade e eliminar a abordagem vitimizante inerente ao eleitorado xiita, produzem uma nova mentalidade, de uma sociedade que participa ativamente na sua própria reconstrução, na resistência e no seu renascimento político-econômico. (HARB & LEENDERS, 2005).

Esta é a maestria com a qual o Hezbollah se utiliza do imaginário xiita de forma progressista não estagnante. Existe, portanto, no âmbito interno, um esforço de ascensão econômica, social e política dos xiitas dentro do Estado libanês; e no âmbito externo ou regional, contra as ocupações estrangeiras, em especial, de Israel. A união de ambos, ligados de forma holística através das instituições do partido, é que fornecem legitimidade e apoio ao Hezbollah. Contudo, não se trata de uma atividade exclusivamente militar, mas de uma cultura ou sociedade de resistência, onde diversos aspectos se entrelaçam e estão incorporados em suas

instituições. Essa mentalidade busca a reconstrução socioeconômica e política dos xiitas, para além do aspecto meramente militar (HARB & LEENDERS, 2005).

O Hezbollah entende e promove suas ações através de lentes materiais – o fornecimento de serviços e recursos – mas também através de suas lentes simbólicas – inscrevendo estes serviços em uma rede de significados relacionando o indivíduo xiita a uma identidade e lhes dotando de um senso de pertencimento. Consequentemente, não se pode compreender o grupo sem a interposição de ambas as esferas, materiais e simbólicas. As redes institucionais do Hezbollah não somente fornecem recursos materiais aos seus beneficiários como também fornecem reconhecimento e pertencimento a um mundo de significados. A esfera islâmico-política do partido tem sido capaz de fornecer importância social aos xiitas e em dá-los razões para a vida e para a morte, dotando suas vidas de significado (HARB & LEENDERS, 2005). Ao fornecer a possibilidade de empoderamento político, socioeconômico e significado à vida destes grupos, o poder do Hezbollah é enraizado de maneira cada vez mais forte e duradoura. O Hezbollah é hoje uma autoridade significativa e respeitada doméstica e regionalmente porque tem sido bem sucedido em construir uma legitimidade sólida entre a maioria dos xiitas, sem desconsiderar outros grupos, estratégia alcançada através do islamo-nacionalismo anti-sectário e sua ampla rede de instituições integradas.

Conclusões

A categorização do Hezbollah como terrorista não é produtiva, tampouco possui serventia de cunho investigativo, ao contrário, marginaliza ou deslegitima o movimento. Muitas análises do Hezbollah como ‘vilão terrorista’ numa investida contra o ocidente sequer dão conta que o Hezbollah não realiza ataques suicidas desde 1985 (SAAD-GHORAYEB, 2002, apud HARB & LEENDERS, 2005). As abordagens ortodoxas sobre o Hezbollah frequentemente falham na compreensão fidedigna do grupo e ignoram as evoluções e transformações sofridas pelo partido.

Desde o início da participação do Hezbollah no sistema político libanês pós-guerra, o grupo não mais mencionou o estabelecimento de um Estado islâmico nos seus programas eleitorais. É mister que se amplie o escopo de visão de modo a permitir a análise de aspectos desconsiderados pela percepção obscurantista da teoria ortodoxa. A ascensão do terrorismo não tem a ver com irracionalidade religiosa, mas atende à questões históricas de cunho estrutural que precisam ser compreendidas, endereçadas e sanadas. O Hezbollah surge como reflexo de um Estado débil, de incursões e intervenções estrangeiras diretas, e marginalização socioeconômica e política dos xiitas, dentro de um país extremamente dividido. Ele preenche as lacunas institucionais e militares no Líbano, fruto de um Estado frágil e incipiente, respondendo a demandas anteriormente desatendidas.

A ascensão e permanência do Hezbollah na cena libanesa devem ser entendidas sob a ótica das fragilidades endêmicas do Estado libanês, em resposta às lacunas históricas tanto em termos militares quanto políticos e socioeconômicos. O Líbano somente permitiu a insurgência do Hezbollah em virtude das demandas latentes à margem da sociedade, e em virtude da fragilidade do Estado nacional como poder central democrático, representativo e detentor do monopólio do uso da força. O fortalecimento do Hezbollah está firmemente relacionado à debilidade do Estado nacional tanto em termos de proteção militar de suas fronteiras quanto em termos de representatividade política e de prestação de serviços básicos. A linguagem encontrada para esta manifestação é religiosa, o que não torna suas demandas por autodeterminação, segurança e representatividade menos racionais ou legítimas.

O Hezbollah inscreve seus serviços sociais e econômicos em uma rede de significados conferindo identidade e senso de pertencimento aos xiitas, de modo que a construção da legitimidade do grupo perpassa o empoderamento estrutural e identitário dos xiitas, sem desconsiderar outros grupos (HARB & LEENDERS, 2005). Apesar de ser alvo de debate externo e de não gozar de completo apoio doméstico, a campanha política do Hezbollah não enfatiza temas religiosos *per se*, ao contrário, inclui em suas plataformas temas como exploração econômica, subdesenvolvimento e desigualdades no sistema político. Assim, suas plataformas possuem caráter puramente utilitário e social, não religioso (HAMZEH, 2000), de modo que a temática e o atual conflito doméstico de forças políticas no Líbano giram menos em torno da

adaptação ou inclusão do grupo ao sistema representativo confessional do que em torno do patriotismo, da autodeterminação e a sub-representação destas vozes mais nacionalistas no governo nacional (JELLOUN, 2007). O apoio popular do Hezbollah advém do empoderamento militar contra Israel, mas também da inclusão socioeconômica e política que o grupo representa. Igualmente importante é a proposição de um projeto nacionalista e emancipatório para o Líbano, alternativo a outras correntes domésticas (DEEB, 2006; KARAM, 2010b). O fornecimento de significado identitário e de pertencimento a populações anteriormente excluídas é o pano de fundo que perpassa os demais aspectos e solidifica o apoio e legitimidade domésticos do Hezbollah. É através da interposição de ações materiais e simbólicas, utilitárias e ideológicas, que o Hezbollah construiu sua base de apoio no Líbano.

A demanda por transformação e inclusão do Hezbollah dentro do sistema libanês é reflexo tanto dos altos escalões quanto resposta à própria demanda de seu eleitorado. Desde o fim da guerra civil o Hezbollah tem gozado de relativa boa convivência com os demais partidos políticos cuja maioria, apesar de algum ceticismo, aceitou a sua crescente participação no governo.¹² O Hezbollah tem sido capaz de construir uma organização eficiente e responsiva que atende muitas das necessidades de seu eleitorado, ao mesmo tempo em que evita acusações de corrupção que mancham seus rivais políticos. O Hezbollah é parte definitiva e fixa da política libanesa e continuará a ser um ativo valioso no jogo de freios e contrapesos na região (NORTON, 1998). Qualquer acordo para a região será bastante difícil de ser atingido sem que sejam mantidos diálogos contínuos com o Hezbollah e, portanto, que as demandas que sustentam sua base popular sejam ouvidas, quer seja no âmbito doméstico quer seja regional.

¹² O governo possui pouca escolha com respeito ao armamento continuado do Hezbollah, uma vez que a milícia é mais forte, mais efetiva e mais eficiente que o exército libanês, e o governo sabe disso (WIEGAND, 2009). Em última análise, a defesa da soberania territorial libanesa é garantia pela aliança e cooperação entre o braço armado do Hezbollah e o exército nacional libanês.

Referências bibliográficas

- AVNERY, Uri. All Kind of Terrorists. *Media Monitors Network*. United States, November 05th, 2001. Disponível em: <http://www.mediamonitors.net/uri44.html>. Acesso em: 20 ago. 2012
- AVNERY, Uri. Speech in Salzburg. *SCUPAD*. Salzburg, May 26th, 2000. Disponível em: http://zope.gush-shalom.org/home/en/channels/archive/archives_scupad. Acesso em: 20 ago. 2012
- CRENSHAW, Martha. Explaining Suicide Terrorism: A Review Essay. *Security Studies*, Standford, v. 16, n. Issue 1, p. 133-162, January-March 2007.
- DEEB, Lara. Hizballah: A Primer. *Middle East Report Online*, Washington, 31 de Julho de 2006. Disponível em: <http://www.merip.org/mero/mero073106>. Acesso em: 13 fev. 2012.
- FRANKS, Jason. Rethinking the Roots of Terrorism: Beyond Orthodox Terrorism Theory – A Critical Research Agenda. *Global Society: Journal of Interdisciplinary International Relations*, Reino Unido, v. 23, n. 2, pp. 153-176, Abril de 2009.
- HALLIDAY, Fred. Terrorism in Historical Perspective. *Open Democracy*, Londres, 22 de Abril de 2004. Disponível em: www.tni.org/print/66419. Acesso em: 22 ago. 2012.
- HAMZEH, Nizar A. Lebanon's Islamists and Local Politics: a New Reality. *Third World Quarterly*. Londres, v. 21, n. 5, pp 739-759, 2000.
- HANIF, Sabia. The Difference Between Freedom-Fighters and Terrorists is not Perception but Terminology. *Media Monitors Network*. Califórnia, 16 de Julho de 2003. Disponível em: <http://www.mediamonitors.net/sabiahhanif1.html>. Acesso em: 21 ago. 2012
- HARB, Mona; LEENDERS, Reinoud. Know Thy Enemy: Hizbullah, 'Terrorism' and the Politics of Perception. *Third World Quarterly*, Londres, v. 26, n. 1, pp 173 – 197, 2005.
- JACKSON, Richard. *Critical Terrorism Studies: A New Research Agenda*. Taylor & Francis, Estados Unidos, 2009.

- JAMAIL, Dahr. Hezbollah's Transformation. *Asia Times Online*. Hong Kong, 20 de Julho de 2006. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/HG20Ak02.html. Acesso em: 19 jun. 2012
- JELLOUN, Mohammed Ben. Hezbollah's Democratic Demands. *Swans Commentary*. Califórnia, 15 de Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.swans.com/library/art13/jelloun3.html>. Acesso em: 13 fev. 2012.
- KARAM, Christian. A Origem do 'Estado de Israel' e suas Motivações. *Brasil de Fato*, São Paulo, 30 de Abril de 2010. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/4627>. Acesso em: 02 jan. 2013. (a)
- KARAM, Christian. A Síria do Partido Baath e dos Al-Assad (1970 a 2012) e A Revolução Islâmica no Irã e a Cooperação Sírio-Iraniana (1979 a 2012). In: CURSO REVOLUÇÕES NO MUNDO ÁRABE E ISLÂMICO – REGIMES POLÍTICOS SÍRIA E IRÃ. Palestra Instituto da Cultura Árabe, São Paulo, 18 e 19 de Junho de 2012. Aulas 3 e 4. Espaço Cultural Instituto Cervantes. (Informação Verbal)
- KARAM, Christian. *Da Revolução Política ao Reformismo Socioeconômico: Hizballah, Islamonacionalismo e Economias de Rede no Líbano Pós Guerra*, 10 de Setembro de 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. (b)
- MATTAR, Marina. Análise: O 'Fanatismo' Midiático e o Terrorismo. *Opera Mundi*, São Paulo, 24 de Julho de 2012. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/23223/o+fanatismo+mediatico+e+o+terrorismo.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2012.
- NASRALLAH, Hassan. Entrevista com Julian Assange. *World Tomorrow* [n.1, Russia Today]. Exibido em 10 de Abril de 2012. Disponível em: <http://assange.rt.com/nasrallah-episode-one/>. Acesso em 19 abr. 2012.
- NASRALLAH, Hassan. Hizbullah's New Political Manifesto: We Want Lebanon Strong & United. *Hizbullah Media Relations*. Translation by Moqawama Relations Islamic Resistance in Lebanon (Local Editor). 30 de Novembro de 2009. Disponível em: <http://www.english.moqawama.org/essaydetailsf.php?eid=9632&fid=54>. Acesso em: 04 mar. 2012.

- NASSER, Reginaldo Mattar. JH Explica: Terrorismo. *Jornal Hoje*. São Paulo, 02 de Maio de 2011. Disponível em: [http://g1.globo.com/jornal-
hoje/videos/v/professor-reginaldo-nasser-explica-o-que-e-terrorismo/1498563](http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/v/professor-reginaldo-nasser-explica-o-que-e-terrorismo/1498563). Acesso em: 06 mai. 2012.
- NORTON, Augustus. Hizballah: From Radicalism to Pragmatism? *Middle East Policy*. Washington, v. 5, n. 4, pp 147-158, Janeiro 1998.
- NORTON, Augustus. The Role of Hezbollah in Lebanese Domestic Politics. *The International Spectator*. Italian Journal of International Affairs, Roma, v. 42, n. 4, pp 475-491. Dezembro 2007.
- PAPE, Robert A.. The Strategic Logic of Suicide Terrorism. *American Political Science Review*, Cambridge, v. 97, n. 3, p. 343-361, August 2003.
- SAAB, Bilal Y. Rethinking Hezbollah's Disarmament. *Middle East Policy Council*, Washington, v. 15, n. 3, pp 93-106. Outono de 2008.
- SADIKI, Larbi. Hezbollah and the Arab Revolution. *Al-Jazeera*, Qatar, 21 de Junho de 2011. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/06/2011619134113577322.html>. Acesso em: 21 jun. 2011.
- WIEGAND, Krista E. Reformation of a Terrorist Group: Hezbollah as a Lebanese Political Party. *Studies in Conflict & Terrorism*, Reino Unido, v. 32, n. 8, pp 669-680. 23 de Julho de 2009.